

INSTITUTO FEDERAL

Rio de Janeiro
Campus Nilópolis

PRODUTOS EDUCATIVOS E PROCESSOS FORMATIVOS - UMA RETOMADA DA AUTONOMIA DOCENTE COMO INOVAÇÃO

GISELLE RÔÇAS
GISELLE.ROCAS@IFRJ.EDU.BR

PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL PARA A ÁREA DE ENSINO

- A área de Ensino entende como produto/processo educacional (PE) o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo.

PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL PARA A ÁREA DE ENSINO

01

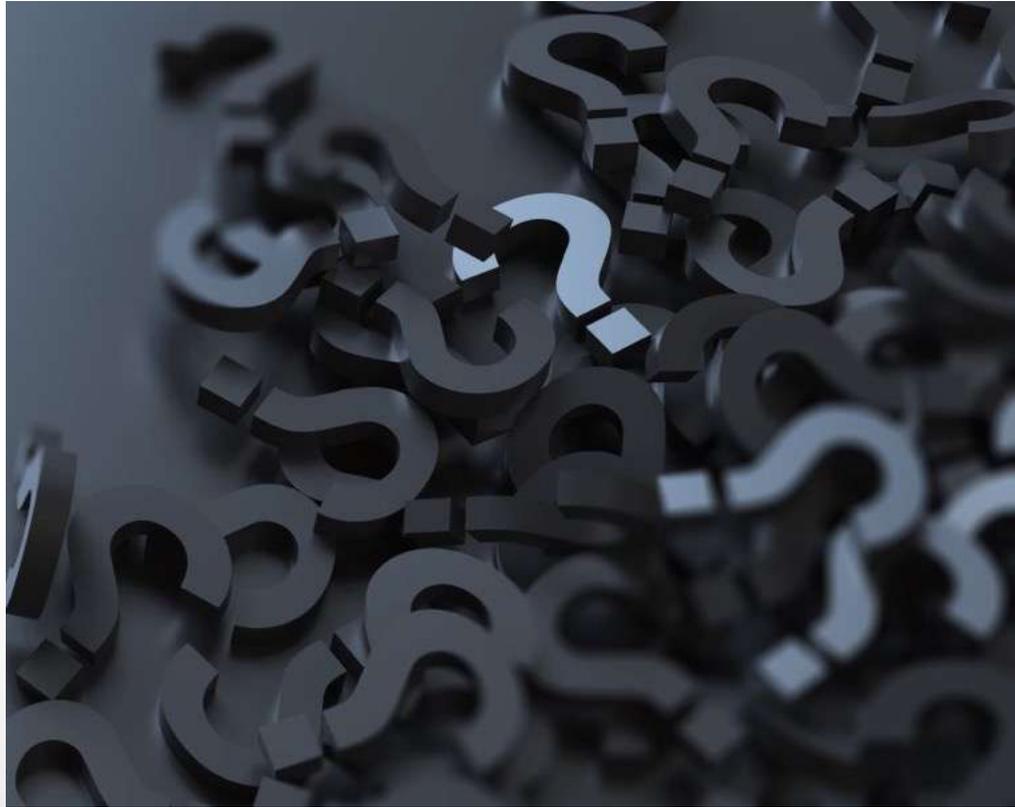
A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado (Doc. Área, 2019).

02

Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo.

03

E como pode ser inovador?



VISÃO INOVADORA

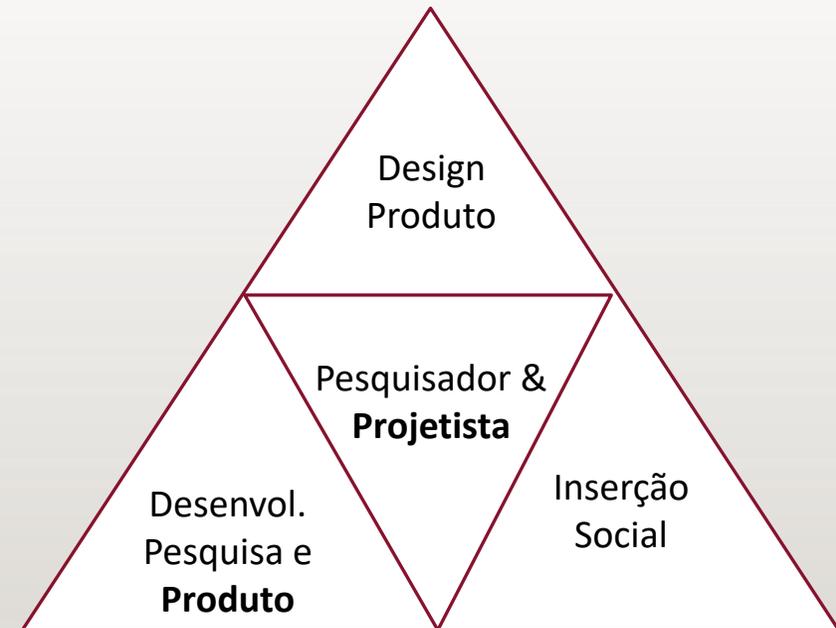
- Produto (PE) deve ser elaborado com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser **artefato** real ou virtual, ou ainda, um processo.
- **Referência:** Documento de ÁREA, 2019.

Artefato vs. Produto

Um produto pode conter um ou mais artefatos.

MAS,

Nem todo artefato é um produto educacional.



Outra inovação

Etapas do Desenvolvimento do Produto/Processo Educacional

Artigo: Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores - ACTIO: Docência em Ciências - <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>



AINDA TENHO
DÚVIDAS....

Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores -

<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>

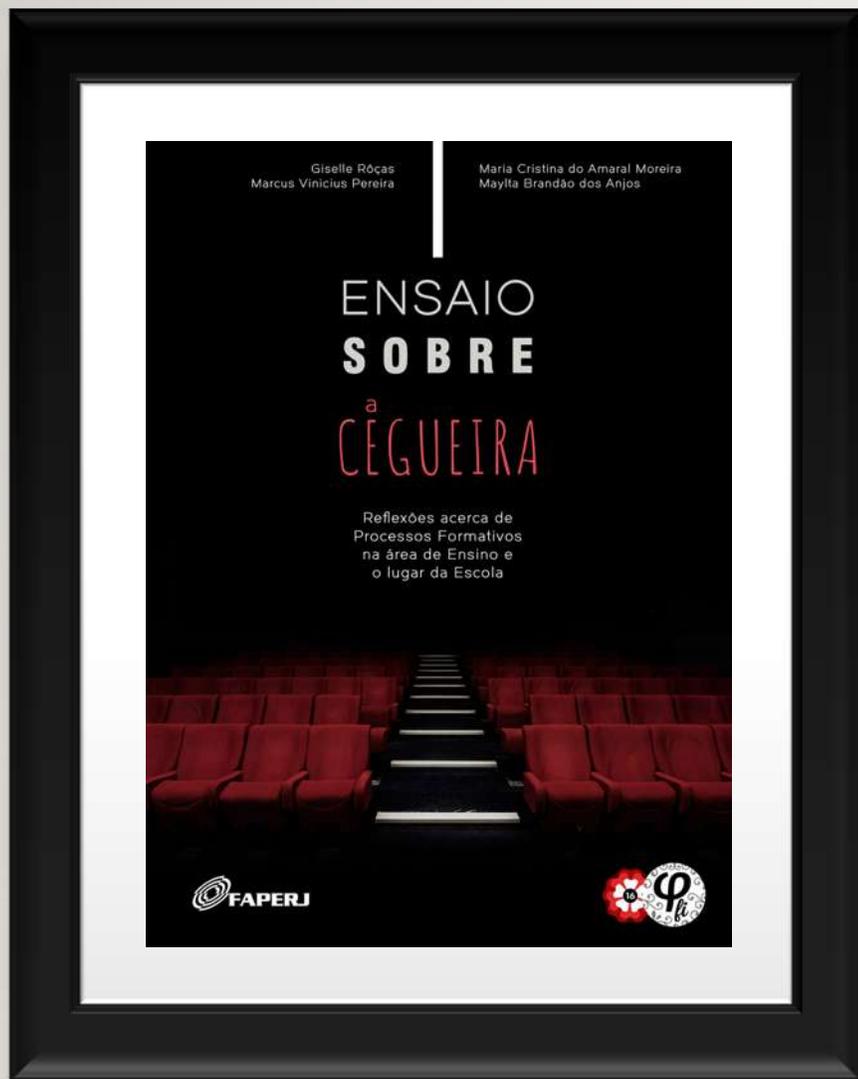
Link do 2º Colóquio do PROPEC - IFRJ

https://www.youtube.com/watch?v=AN_qYQZQg7g

ONDE ENTRA A AUTONOMIA?

“ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA”: REFLEXÕES
ACERCA DE PROCESSOS
FORMATIVOS NA ÁREA DE
ENSINO E O LUGAR DA
ESCOLA

Autores: GISELLE RÔÇAS;
MARCUS VINICIUS PEREIRA;
MARIA CRISTINA DO
AMARAL MOREIRA e MAYLTA
BRANDÃO DOS ANJOS



Download gratuito

https://drive.google.com/file/d/1C0Gts2ohVEoM_ivaDw6kBA43pupOvH0_/view

CENAS DOS CAPÍTULOS

CENA 1 - "NUNCA ME SONHARAM" – OS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL DA ÁREA DE ENSINO E SEUS PRODUTOS E PROCESSOS EDUCACIONAIS

CENA 2 - "QUANDO SINTO QUE JÁ SEI" – POR ONDE ANDA A AUTONOMIA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICO?

CENA 3 - "QUANTO VALE OU É POR QUILO?" – O PESO DA PUBLICAÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE ENSINO?

CENA 4 - "REBOBINE, POR FAVOR" – COMO AVALIAMOS AS PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO DE CIÊNCIAS?

CENA 5 - "TUDO QUE APRENDEMOS JUNTOS" – O MATERIAL DIDÁTICO E/OU O PRODUTO EDUCACIONAL NA RELAÇÃO COM O PROFISSIONAL QUE USA/CRIA O MATERIAL

CENA 6 - "NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS" – A DESEJADA APROXIMAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO BÁSICA E PESQUISADORES EM ENSINO DE CIÊNCIAS

CENA 7 - "ESQUECE TUDO O QUE TE DISSE" – OS MESTRADOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DE ENSINO E O QUE ESPERAR DE UM DOUTORADO PROFISSIONAL

CENA 8 - "DÁ LICENÇA DE CONTAR" – AUTONOMIA E MEMÓRIA DO PROFESSOR RECUPERADAS PELAS NARRATIVAS E DIÁRIO DE BORDO

CENA 9 - O SORRISO DE MONA LISA" – A ANÁLISE DE LIVRE INTERPRETAÇÃO COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA EM PESQUISAS

CENA 10 - "DIVERTIDAMENTE" – FANZINE COMO POSSIBILIDADE DE PRODUTO EDUCACIONAL

DÁ LICENÇA DE CONTAR

- Pedro Serrano homenageia a obra de Adoniram Barbosa, narrando as histórias e recriando situações a partir de diversas músicas deste compositor brasileiro.
- Inspirados nessa obra, objetivamos fomentar no professor uma provocação e, quiçá meios para desenvolver ou reforçar sua profissionalidade.
- Apresentamos duas metodologias distintas, mas não excludentes – diários de bordo e narrativas- ao pretendermos incentivar o docente a registrar suas atividades, restaurar suas memórias, recuperar sua estima profissional e resgatar a sua autonomia docente.
- Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P5DV2I3Cblg>

AUTONOMIA DOCENTE

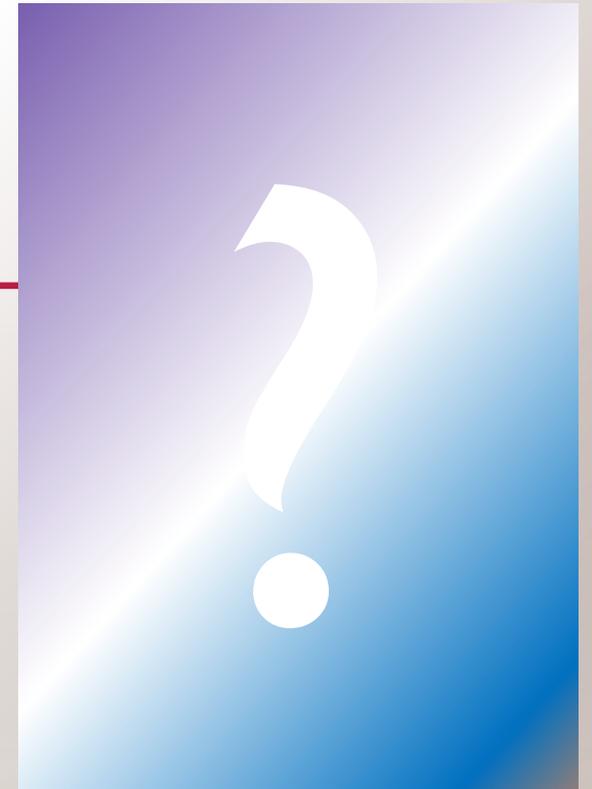
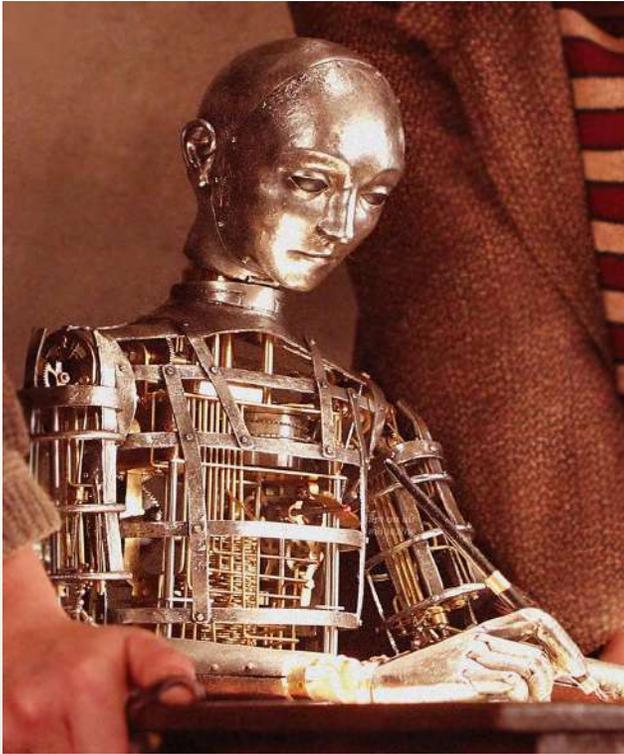
- José Contreras (2002) defende que a AD é uma característica ou uma qualidade do ofício, ganhando status de atributo profissional.

“Profissionalismo x Profissionalidade”.

- Profissionalismo se traduz em diversas lutas por reconhecimento da profissão de professor, envolvendo questões salariais, formação continuada, infraestrutura, compromisso ético, capacidade profissional e outros pontos.
- Profissionalidade é “compromisso e responsabilidade com o ofício, mas pautado pela autoconsciência e necessidade ética de dar sentido ao fazer. É a expressão da especificidade da atuação docente a partir do conjunto de saberes, atitudes, valores que carrega” (VALÉRIO, 2017, p. 329) .

“DOCENTE AUTÔNOMO OU AUTÔMATO?”

- Que professores queremos para nossas escolas?
- Que professores formamos em nossas licenciaturas?
- Que tipo de professor somos nós?
- Recuperamos ainda o foco principal, o que é autonomia docente?



“DOCENTE AUTÔNOMO OU
AUTÔMATO?”

“DOCENTE AUTÔNOMO OU AUTÔMATO?”



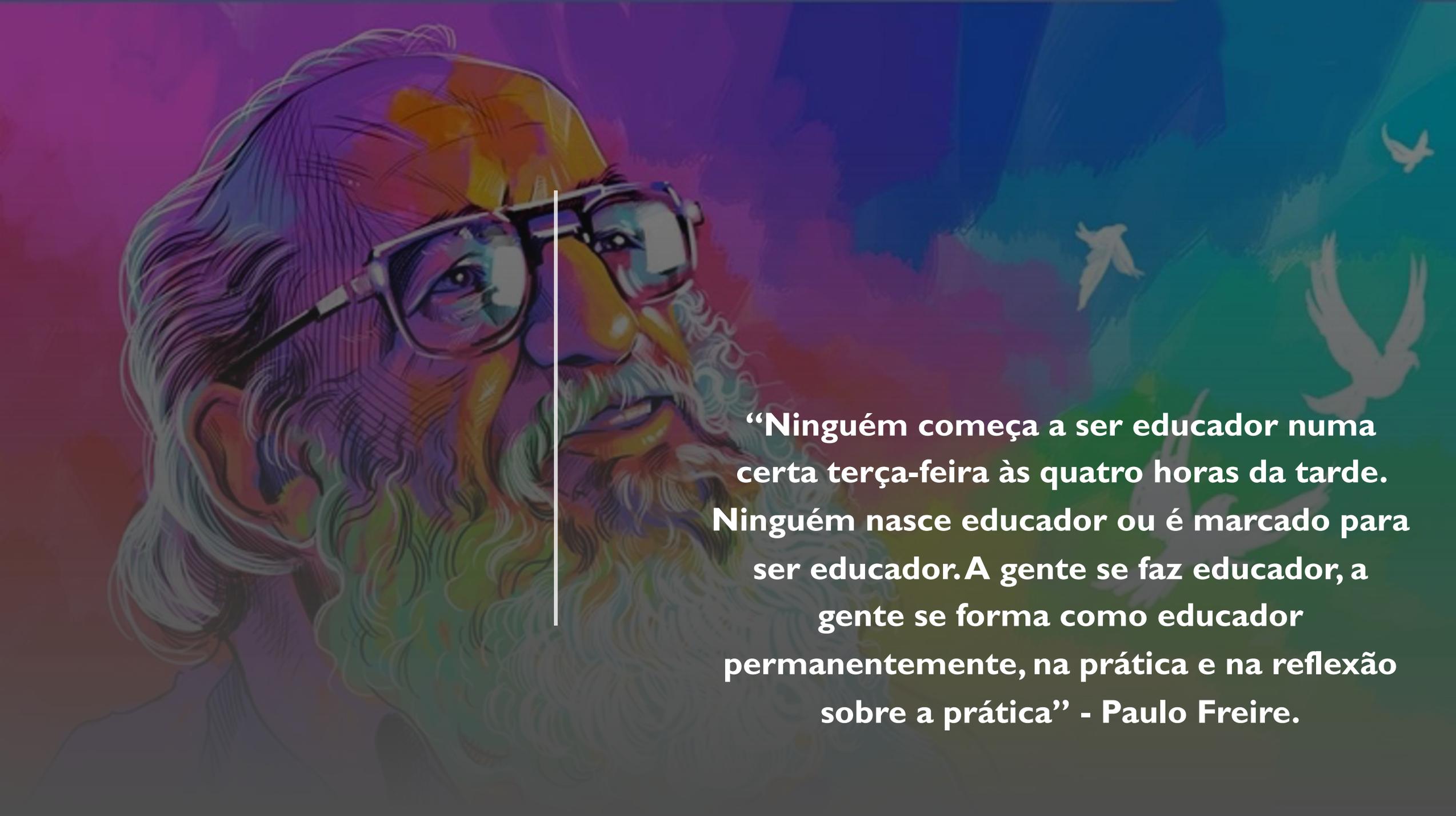
Dentre os 40 colegas de profissão aos quais perguntamos, de áreas distintas do saber, todos profissionais da rede pública de ensino, como eles entendiam autonomia docente. Não era para elaborar ou citar autores. Queríamos saber assim de pronto, o que eles achavam que era. Obtivemos o retorno de 24 colegas com *insights* bem interessantes.



“Quando o professor trabalha com autonomia ele tem a possibilidade de demonstrar seus sentimentos pelos conhecimentos que transmite, deixando transparecer seu lado humano, **não transformando a educação em uma máquina**” - Professora de biologia. Grifo nosso.

QUEREMOS UM PROFESSOR AUTÔNOMO

- Que tenha disponibilidade, engajamento social e educacional, com conhecimentos específicos e pedagógicos que o possibilitem refletir sobre as diferentes salas de aula para adequar os conteúdos e metodologias de maneira a melhor conduzir os processos de ensino-aprendizagem. Que seja sensível para perceber as necessidades da turma e do momento, que tenha afetividade e empatia, que se “sinta professor”. Nesse sentimento conheça as demandas curriculares e as ementas das disciplinas que ministra (nas diferentes séries, níveis e modalidades que trabalha), capacitado e disposto a estabelecer uma ponte entre estes documentos oficiais e o projeto político pedagógico da escola. Ou seja, perfil de um professor autônomo.



“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” - Paulo Freire.

DEEM-SE LICENÇA DE SE CONTAREM!

- Estudos baseados em narrativas e diários de bordo permite a (re)elaboração de cotidianos escolares com focos diferenciados, tais como: processos avaliativos, formação de professores, metodologias de ensino, práticas pedagógicas, identidade docentes e outros, elementos essenciais da profissionalidade docente, possibilitando a recuperação da identidade da profissão e a autonomia docente.
- Ou seja, narrativas e diários de bordo são instrumentos complementares de coleta de dados e, posterior análise, a qual pode ser efetuada, exclusivamente, pelo docente, sem necessidade de partilhas com outros colegas (professores e/ou pesquisadores).

NÃO SE CONFORMEM...

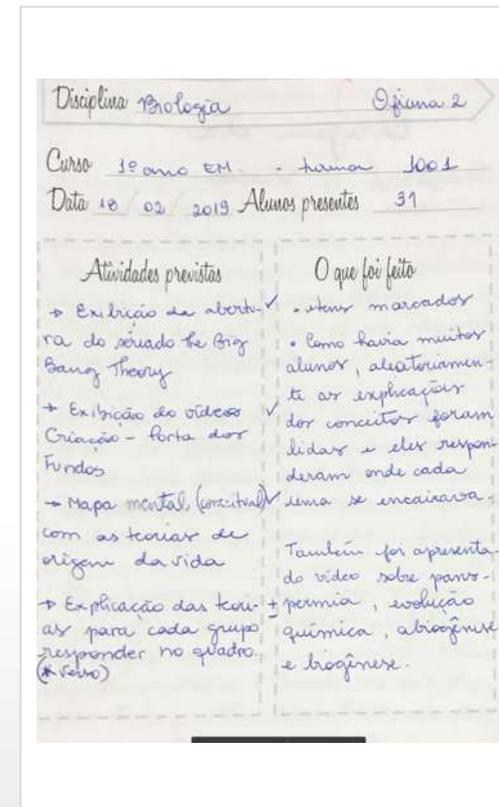
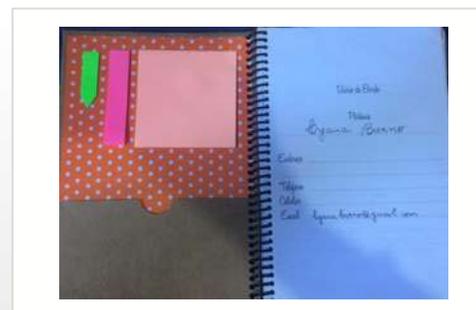
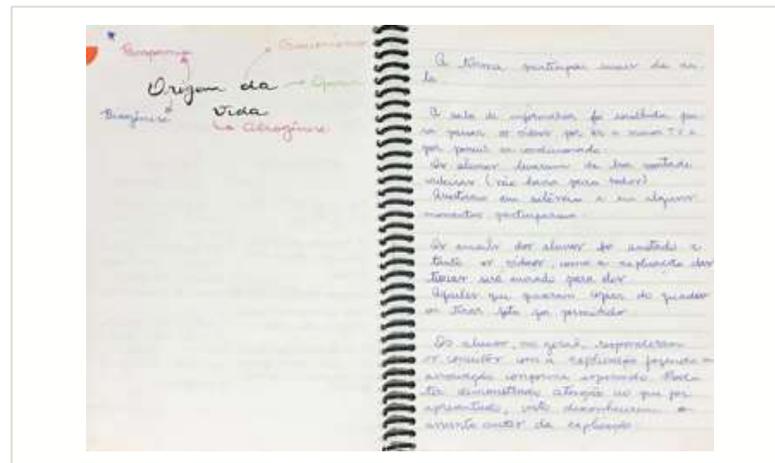


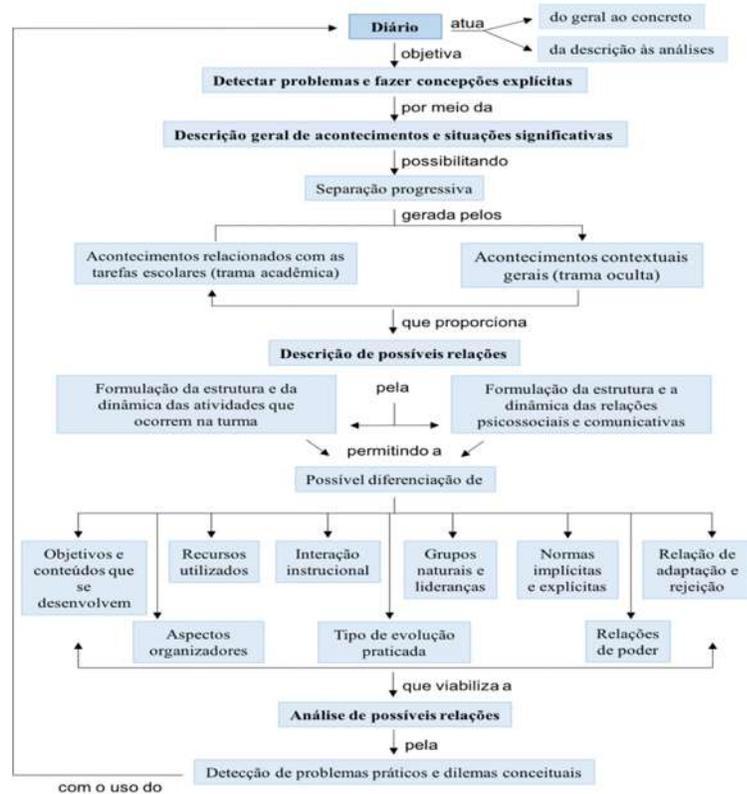
Os diários de bordo podem ser digitais (vlogs, blogs, áudios) ou analógicos (escritos e/ou desenhados), com registros de entradas simples, narrativas ou ainda tabulações mais detalhadas.



“[...] o **professor em formação** é aquele que embora tenha direcionado a sua graduação nesse sentido, ainda não atua ou tem menos de três anos em sala de aula. Já o **professor em transformação** é aquele que tem alguma experiência em sala de aula, mas que em especializações e outros estudos e buscas de aprimoramento, reconhecem mudança na prática. [...] o **professor em conformação** [...] parece ou dá indícios de que não alcançaram sua vocação e permanecem lecionando por falta de espaço no mercado de trabalho ou por desconhecerem sua vocação mais orgânica” (FIGUEIRA-OLIVEIRA, ANJOS e RÔÇAS, 2020).

SE TRANSFORMEM!





- Bueno (2019) desenvolveu um fluxograma sobre o uso do diário de bordo (figura 4) em uma pesquisa participante sobre o ensino da evolução em quatro turmas de 1º do ensino médio de uma escola estadual. O fluxograma aponta as possibilidades de registro e de análise dos dados, sendo possível estabelecer uma memória dos acontecimentos durante a realização da pesquisa e aplicação e atividades.

PARA QUE ME “PESQUISAR”?

“Quatro grandes razões para que os professores façam pesquisas sobre a sua própria prática:

- (i) para se assumirem como autênticos protagonistas no campo curricular e profissional, tendo mais meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática;
- (ii) como modo privilegiado de desenvolvimento profissional e organizacional;
- (iii) para contribuírem para a construção de um patrimônio de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional; e (
- (iv) como contribuição para o conhecimento mais geral sobre os problemas educativos”
(PONTE, 2002, p. 4).

*Mudar o mundo, amigo Sancho, não é loucura
nem utopia, mas sim justiça.*

Dom Quixote, Miguel de Cervantes



Obrigada! giselle.rocas@ifrj.edu.br

REFERÊNCIAS

- ANJOS, M. B; RÔÇAS, G; PEREIRA, M.V. ANÁLISE DE LIVRE INTERPRETAÇÃO COMO UMA POSSIBILIDADE DE CAMINHO METODOLÓGICO. Ensino, Saúde e Ambiente –V12(3), pp. 27-39, 2019. - <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/29108/23080>
- CONTRERAS, J. Autonomia de professores. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002. 296p
- FIGUEIRA-OLIVEIRA, D.; ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G. A BIOGRAFICIDADE EM CURSO: COMO OS PROFESSORES SE TORNARAM PROFESSORES”. Revista Insignare Scientia. 2020. No prelo
- PONTE, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org.), Reflectir e investigar sobre a prática profissional (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- VALÉRIO, M. Autonomia de professores. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 327-332, out./dez. 2017